Francisca Isabel Schurig Vieira Keller (Chiquita)

ROBERTO DA MATTA

O que significa um necrológio? Confesso que a palavra me remete ao lado mais escuro da própria morte e me provoca calafrios. Será um mero exercício onde se busca dizer o que um colega realizou no decurso de sua vida profissio-

nal? Suponho que é assim que as revistas especializadas — as chamadas revistas científicas — tratam ou academicamente descartam a existência dos seus confrades desaparecidos. Acho que Chiquita merece melhor sorte e por causa disso, estou disposto a mais uma vez incorrer no pecado da busca de alguma coisa diferente dos estilos rotineiros destas páginas funéreas, invariavelmente situadas no final das revistas, como que a indicar pela sua própria posição e possibilidades gráficas, a situação terminal daquela pessoa que se busca desbiografar. Não quero fazer isso com Francisca Isabel Vieira Keller, a Chiquita que lá de dentro da minha memória, fala-me de alguma coisa mais próxima de sua vida: algo mais sentido e divertido, mais livre e belo que um simples alinhavar amortalhado de linhas que escondem o sentimento com os dados e a precisão das datas, daí tecendo não a existência de quem se foi, mas realizando esse exercício funesto que chamei acima de *desbiografar.*

Mas sou pequeno demais para tanto, pois fazer isso equivale a querer lutar contra o poder da morte que nos torna frios, medrosos e distantes. Thomas Mann que conseguiu tratar a morte como ela merece e de algum modo conseguiu vencê-la de modo admirável, descreve bem na *Montanha Mágica* esse poder funerário que nos obriga a falar baixinho e nos faz andar nas pontas dos pés em todos os velórios. Como adiantei acima, os ritos da morte são cerimoniais de afastamento, de despedida e de separação. Mas será que a palavra seria generosa para comigo, permitindo-me escapar disto tudo ao falar da vida da Chiquita? Será que eu e os meus leitores que também estão saudosos da colega que partiu, podemos burlar esse poder mortal? Em vez, então, de falar baixo e andar na ponta dos pés, poderemos agora ensaiar o discurso aberto, sem mêdo; e o andar a passos largos e decididos, pois assim fazendo estaremos homenageando a Chiquita naquilo que ela nos deixa de modo tão contundente como um legado precioso; o seu amor pela vida, pelo seu marido e pelos três filhos. Sua associação honesta e generosa com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde passou grande parte de sua vida de professora e pesquisadora. Sua profunda preocupação social e política pelos japoneses, sertanejos e pobres que estudou. Sua ampla percepção da Antropologia Social como muito mais que uma tecnologia social, instrumento destinado a "equacionar" e a "demonstrar" as situa-

ções humanas como problemas a serem "resolvidos" na pretensão a mais tecnocrática e onipotente do nosso tempo. Pois para a Prof.ª Francisca Isabel Schurig Vieira Keller, a Antropologia Social era sobretudo uma via de entendimento da condição humana em suas manifestações sociais e políticas. Mais do que uma tecnologia, a Antropologia Social se constituía numa sabedoria do homem e uma verdadeira ética onde a paixão pelo conhecer seria bem mais importante do que a ânsia de modificar. Lembro-me que Chiquita sempre se preocupou com esses polos inseparáveis da condição humana, o conhecer e o modificar. Mas para ela, esses polos não implicavam numa exclusão mútua e irracional.

Foi porque Chiquita sempre esteve preocupada em ser uma antropóloga de verdade que nunca deixou de analisar a vida. Mesmo doente e no seu leito de morte, soube observar as emoções, e as situações que sua condição de pessoa humana implicava e, na nossa última conversa, ainda falou com entusiasmo de seus projetos futuros que incluíam difundir um estudo das "mentalidades" e/ou "sistemas de categorias" das pessoas que sua doença havia feito conhecer de modo mais profundo. Essa forma aguda de consciência foi um dos legados mais preciosos da vida de Francisca Isabel. Creio que ela soube como poucos enfrentar o sofrimento que o abraço mais profundo com a questão do significado implica. É essa memória da Chiquita que eu gostaria de registrar aqui. Memória que me faz recordar um ser humano permanentemente situado entre a aceitação das condições e limitações do humano e a ousadia extrema de tudo registrar, analisar e observar de modo mais implacável. Não porque ao realizar isso o mundo pudesse tornar-se melhor, ou sua própria existência quedar mais pura. Nada disso. Aqui o observar tem muito mais a ver com a condição humana. Com aquela caminhada no universo dos sinais, onde o significado do significado promove uma viagem infinita. Homem e Deus se encontrando na Palavra e na busca do sentido que é, afinal, o ponto de partida e de chegada de todas as coisas.

Por tudo isso, hei de guardar de Chiquita uma imagem decididamente relacionada à observação do universo humano. Pena que a vida no seu movimento implacável não lhe tenha dado tempo para que ela pudesse transmitir a riqueza de suas observações para todos nós. Há, creio, nisso tudo, e na vida de Francisca Isabel, aquele sorriso de Mona Lisa, enigmaticamente situado entre uma franqueza sem limites

(pois que partia sempre de uma honestidade orgânica que Chiquita trazia consigo), e aquela timidez que nos permite separar os espaços, dividir as fronteiras, estabelecer os limites, distinguir os homens dos animais. Vejo-a, quando escrevo estas linhas por entre minhas lágrimas de dor no Museu Nacional, a perguntar pelo meu trabalho, a querer saber mais da nossa Antropologia Social, a falar num entusiasmo sem limites das travessuras dos filhos. Vejo-a também discreta e enigmática quando se tratava de saber mais sobre o seu estado de saúde. Chiquita, como todo bom antropólogo visitando a tribo que estuda, só queria compartilhar o que tinha de saudável, de generoso e de bom. As coisas negativas deveriam ser escondidas por detrás de um nobre silêncio, ou pelo meio sorriso revelador de Mona Lisa.

Relembro-a também como sei que ela gostaria de ficar na memória de todos nós: alegre, entusiasmada, vibrante com as boas idéias e as perspectivas de fazer algo que ajudasse a compreender mais e melhor a condição humana no Brasil.

Francisca Isabel Schurig Vieira Keller não está mais entre nós. E, no entanto, Francisca Isabel Schurig Vieira Keller está mais entre nós. Porque na sombra de sua dolorosa ausência podemos agora falar tudo o que não conseguimos dizer. A morte é paradoxal no seu terrível poder. Ela diz que tudo tem um fim, é certo. Mas também afirma que tudo continua. E que é possível sempre dizer ao colega, ao amigo e ao vizinho aquilo que não falamos, fizemos ou demos aos nossos mortos. Que a nossa Antroplogia Social e todos nós que conhecemos, convivemos e soubemos apreciar a Chiquita no seu trabalho, na sua inteligência, na sua generosidade e na sua mais profunda opção antropológica, possamos — quem sabe? — falar e fazer uns para os outros tudo isso que talvez seja preciso fazer e dizer. Enquanto há tempo...

Onde quer que ela esteja — e a morte certamente faz com que se esteja em muitos locais ao mesmo tempo — talvez a Chiquita e os seus entes queridos que fazem com que ela sobreviva fisicamente à morte, gostassem de saber que ela foi admirada na sua discreção, respeitada como colega e amada como pessoa humana. Se com ela se vai uma combinação única e insubstituível de sentimentos, capacidades e feições físicas, pois tudo o que é humano é profundo e insuperavelmente singular, fica-nos o consolo e a verdade do seu exemplo, de sua memória e do seu outonal e

enigmático sorriso de Mona Lisa forte na memória deste escriba que, como outros colegas e amigos, gostaria tanto de voltar a falar e aprender com ela.

DADOS BIOGRÁFICOS, PESQUISAS E BIBLIOGRAFIA

1. Formação e Títulos

— Graduação: Bacharel em Geografa e História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1956.
Licenciada em Geografia e História, pela mesma Universidade, 1957.

— Pós-Graduação: Mestrado: Mestre em Antropologia Social, King's College, University of Durham (atual University of Newcastle), Newcastle-upon-Tyne, England, 1961/1962.
Doutorado: Doutor em Ciências (Antropologia), pela Faculdade de Filosoia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, em 29 de setembro de 1967.

2. Atividades Profissionais

Carreira de Magistério

— Professor Assistente da Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1960 e 1961.

— Professora contratada da Cadeira de Antropologia e Etnografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (Instituto Isolado da Universidade de São Paulo), 1963 a 1968.

— Professor do Curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo — 1.º e 2.º semestre de 1971 (Curso: Antropologia Social das Frentes de de Expansão).

— Professor do Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia (Pós--Graduação) da Universidade Federal do Paraná: Curso: "Conhecimento do Brasil Tradicional" — 1.º semestre de 1973.

— Professor do Curso de Especialização em Antropologia, Departamento de Psicologia e Antropologia, Universidade Federal do Paraná; Curso "Minorias Étnicas", agosto de 1974.

— Curso sobre Frentes de Expansão e Capitalismo, no período de 15 a 19 de outubro na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Campus de Marília, São Paulo, 1979.

— Professor do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir de 1968, onde ministrou mais de duas dezenas de cursos e foi orientadora de inúmeras teses.

3. Pesquisas

— Auxiliar de pesquisa da Prof.ª Eunice Durham, da Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nos anos de 1959 e 1960.
— "A absorção do japonês em Marília", realizada nos anos de 1964-1966 (junho), em Marília, e apresentada como tese de doutoramento na Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
— "Adaptação e tensões entre Imigrantes Belgas", pesquisa realizada no ano de 1965, na Fazenda Monte Alegre, Sociedade Cooperativa Agrícola Belgo-Brasileira (S.C.A.B.B.), Botucatu, São Paulo.
— "Aculturação dos japoneses em Campo Grande, Mato Grosso", 1967, com auxílio do Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
— Responsável pelo survey preliminar da pesquisa "Estudo Comparativo do Desenvolvimento Regional", no Brasil Centro-Oeste, janeiro e fevereiro de 1969.
— Pesquisa realizada no Tocantins Maranhense nos meses de junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 1969 e em julho de 1970, para o projeto "A Emergência de Novas Formações Sociais no Tocantins Maranhense".
— Pesquisa sobre "Empreendimentos Agro-Pecuários no Sul do Pará e Norte de Mato Grosso", abril de 1978/abril de 1980, com financiamento da FINEP.

4. Bibliografia

Livros:

— *O Japonês na Frente de Expansão Paulista*, Livraria Pioneira — Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
— Monografias:
— Tese de doutoramento "A Absorção do Japonês em Marília", Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) da Universidade de São Paulo. Aprovada com distinção a 29/09/67.

Artigos Originais e Revisão Crítica

— "Adaptação e transformações no sistema de casamento entre issei e nissei", Estudo n.º 9, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.
— "Considerações a propósito de um questionário aplicado a candidatos ao 1.º ano da Faculdade de Filosofia de Marília", *Revista de Pedagogia, n.º* 2, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.
— "Alguns aspectos de aculturação dos japoneses em Marília", conferência realizada na Sociedade Paulista de Cultura Japonesa e publicada em japonês na *Revista da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa*, 1968.

— "Hacer la América", resenha bibliográfica do trabalho de Juan Marsal, *Revista Latinoamericana de Sociologia,* 1970/3, pp. 471-473.
— "O Homem da Frente de Expansão: permanência, mudança e conflito", *Revista de História,* n.º 102, 1975, pp. 665-709. São Paulo.
— "Carmosa e seu Vaqueiro: um caso familiar no sertão", *Anuário Antropológico/76.* Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1977, pp. 39-70.
— "Homens de Deus na frente de expansão: a patronagem em dois mundos" a ser publicado nos Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, UFRJ.
— "Etnias no Brasil; a pluralidade na unidade", organizado para ser entregue a Editora Zahar, 1978.
— "Mestiçagem e Transculturação: O Homem Brasileiro" — artigo redigido para o Conselho Federal de Cultura, como Capítulo de uma obra sobre o Brasil Contemporâneo, 1979.

Outros tipos de publicação:

— "Adaptação e transformações no sistema de casamento entre imigrantes japoneses", *Anais do I Colóquio Brasil-Japão,* São Paulo, 1967, pp. 187-200.
— "O imigrante japonês e a frente pioneira no Estado de São Paulo", trabalho apresentado no I Simpósio sobre Aculturação, realizado em junho de 1968 e publicado em *O Japonês em São Paulo e no Brasil.* Relatório do Simpósio realizado em junho de 1968 ao ensejo do 60.º Aniversário da Imigração Japonesa para o Brasil. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, São Paulo, 1971, pp. 200-207.
— Relatório do Survey realizado no Brasil Centro-Oeste nos meses de janeiro e fevereiro de 1969, datilografado, 196 pp., Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.
— "Geração e situação dos descendentes dos japoneses no Brasil", artigo para ser publicado numa coletânea sobre os japoneses, Editora Perspectiva (1970).
— "Okinawanos: o preconceito dentro do grupo étnico japonês", ensaio entregue para fazer parte de uma coletânea a respeito dos japoneses e seus descendentes no Brasil, Editora Perspectiva, 1971.
— "Histórico, situação atual e perspectivas próximas dos Estudos Brasileiros do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social — Museu Nacional (UFRJ)/Fundação Ford — *Anais do Encontro Internacional de Estudos Brasileiros,* Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Vol. III, pp. 297-309 (1972).
— "Adaptação e Transformações no Sistema de Casamento entre Issei e Nissei". Estudos e Pesquisas sobre o Japonês no Brasil, editado por Hiroshi Saito e Takashi Maeyama, São Paulo, 1974.
— "Brasil Japonês", *Isto É,* 21.06.78, pp. 37-42.